

RIBALTAS E GAMBIARRAS

REVISTA SEMANAL

2.^a SERIE

NUMERO 44

REDACTORA
Guimar Torrezão

Lisboa, 16 de Outubro de 1881

GERENTE
Henrique Zeferino

Summario. — Eduardo Brazão, Guimar Torrezão — *Atravez do Binoculo, Africana*, Gabriel Claudio — *Perfis lyricos, O pianista Gottschalk*, A. Cardoso de Meneses — *Theatro da Rua dos Condes*, Gabriel Claudio — *Carteira de um farcista*, João de Deus — *Soirés em Madrid*, Manlius — *Album enigmatico*, Eliza Curado — *Um crime na charneca*, (folhetim), Julio Lourenço Pinto.

EDUARDO BRAZÃO

Eduardo Brazão nasceu no dia...

Que nos importa a nós quando elle nasceu para a vida commum? nascer; um facto banal, perpetrado absurdamente por uma entidade collectiva, que se chama toda a gente!

Tratemos apenas de saber quando elle nasceu para essa radosa fascinadora, que se chama a Arte.

E não será, no fim de contas, só e exclusivamente desde o instante em que a formosa desnuda o seio materno, e faz dos braços collar diamantino para estreitar effusiva o dilecto das suas preferencias, que o actor principia realmente a viver?...

Em geral a physionomia do actor, e muito especialmente do actor portuguez, antes de receber em cheio a forte luz da ribalta e a consagração da plateia, que imprimindo-lhe de subito um aspecto novo, lhe dá o poderoso relevo e a eloquente expressão da celebridade, esfuma se na mais absoluta e trivial de todas as obscuridades. Se o biographo, impellido por um motivo qualquer a que não podesse subtrahir-se, tivesse forçosamente de reconstruir o preterito dos artistas biographados, indo levantar-os do berço, que imprevisitas surpresas e, não raro, que desencantamentos prepararia ao leitor, e principalmente á leitora; a leitora romanesca e impressionavel, que firmando o braço, torneado e branco, no velludo escarlata do camarote, curvando, palpitante e curiosa, a sua cabeça devaneadora, e fitando o artista atravez do crystal do seu pequenino binoculo de nácar e do prisma idealizador da scena, povoada pelas luminosas concepções dos poetas, identifica muitas vezes na sua fantasia a ficção com a realidade, confundindo-as na mesma exaltada admiração, e treme, empalidece, chora e desprende-se da terra, arrebatada pelos braços nervosos d'esse doido sublime,—o talento,—suspensa dos labios do actor, que elle inspira e transfigura!...

Eduardo Brazão constitue uma das raras excepções d'esta regra, profundamente despoetisadora. A sua infancia resalta da penumbra da vulgaridade. Parece que Brazão, como Mozart, muito antes de ser o filho mimoso da Arte, era já o menino bonito das damas. Mozart assentou-se nos joelhos de uma princeza, trincan-

do os *bonbons* que ella offereceu ao futuro maestro do D. João, uma princeza cuja formosa cabeça caiu decepada pela guilhotina.

Brazão recebeu na frente ampla, de uma alvura feminina, emmoldurada em finos cabellos louros, o beijo de uma rainha.

Beijado por uma rainha!...

Que admira que mais tarde, no theatro, as ovações estrondeassem aos pés do homem, illuminado pela chamma do talento, se o triumpho, encarnado em uma gentilissima princeza italiana, fôra predestinar a criança?

Era elle então aspirante de 3.^a classe da companhia dos guardas marinhas. Viajava de Genova para Lisboa, a bordo da Bartholomeu Dias, que tinha ido buscar a filha de Victor Manuel. O pequeno aspirante, que contava onze annos incompletos, fora nomeado ajudante de ordens da princeza. Postado de sentinella á porta do camarote real adormecera no seu posto.

A sr.^a D. Maria Pia, quasi tão criança como a sua loira e infantil sentinella, achou graça á infracção da disciplina, que tinha por motor o somno da innocencia e onde o conselho de guerra poria uma reprimenda severa, poz ella um delicioso beijo, dulcificado pelo appendice de um punhado de *bonbons*.

Foi no theatro Baquet do Porto que Eduardo Brazão pizou pela primeira vez o palco, encetando essa tentadora carreira, sobresaltad de lutas, simultaneamente agitada de doiradas esperanças e amargos desalentos, que irresistivelmente o attraia. O mo-

ço actor debutou nas peças *Trapeiros de Lisboa* e *Precisa-se de um preceptor*, representando conjunctamente com a companhia do theatro do Principe Real de Lisboa, dirigida n'essa epocha por Cesar de Lima.

Pouco depois apresentou-se ás plateias lisbonenses, interpretando papeis importantes na *Lampada maravilhosa* e *Marbrier* de Dumas pae, que subiram á scena no Theatro do Principe Real.

Francisco Palha, adivinhando com o seu finissimo tacto de emperezario o futuro glorioso que transluzia n'esse balbuciante alvorecer, propoz-se escripturar Brazão no theatro da Trindade. O theatro, exactamente como o artista, achava-se ainda na chrysalida.



EDUARDO BRAZÃO

Brazão, associado á futura companhia da Trindade, de que fazia parte, foi representar a S. Carlos a *Alva estrela* de Mendes Leal e a *Cigana*, debutando em seguida na *Mãe dos pobres* e *Xerez da viscondessa*, estreia elegante do theatro, resplandecente de galas, e estreia do juvenil actor, enflorada de promessas.

Eduardo Brazão demorou-se tres annos no theatro da Trindade, interpretando papeis de generos oppostos no *Barba Azul*, *Barbeiro de Sevilha*, *Pupillas do sr. Reitor*, *Provincianos em Lisboa*, *Medico á força*, *Gran Duqueza*, *Conspiração na Aldeia*, *Familia Benoiton*, *Mocidade de Figaro*, *Tentações do demonio*, etc, progredindo sempre e affirmando cada vez mais a vocação imperiosa que o arrastara para a scena.

Entretanto, qual seria o phrenologista, por mais experiente e perspicaz, que podesse ler no rosto acriancado do principe Saphir, cantando os couplets garotos de Offenbach, o horoscopo de Kean?...

Parece que Furtado Coelho presentiu, alem do Atlantico, o que muitos não perceberam á quem, entre o breve espaço que medeia da platea ao palco; o facto é que escripturou Brazão para o Rio, onde o eminente actor representou durante 10 mezes ao lado de Emilia Adelaide, fazendo, entre outras peças, a *Calumnia*, *Capitão Montambuche*, *Jogo*, *Mocidade de Figaro*, *Pupillas do sr. Reitor* e *Cornelio Guerra*.

O publico fluminense, diante do qual o grande actor deveria surgir mais tarde na plena florescencia do seu vigoroso talento, colhendo n'essa occasião as mais entusiasticas ovações, fez um caloroso acolhimento a Eduardo Brazão, que recolheu saudoso á patria, vindo escripturar-se no Gymnasio, empreza do sr. Manoel Machado.

Ahi tomou uma parte activa no repertorio, caminhando constantemente e fixando dia a dia em contornos firmes, correctamente desenhados, as linhas ondeantes do seu perfil de galan dramatico.

Brazão representou no Gymnasio as seguintes peças: *Como se conhece o villão*, *O que fazem ciumes*, *A pena de morte*,

FOLHETIM

UM CRIME NA CHARNECA

CAPITULO I

Foi por uma d'estas temporadas em que o movimento agricola aviventa a monotonia dos campos ribatejanos, que a idéa do casamento se lhe germinou. Então, em convivencia com uma natureza mais culta, n'estas intimidades sociaveis, a sua indole selvatica embrandecia-se.

Pensava na femea com um instincto animal, temperado por uma aspiração egoista a commodidades caseiras, e seduzia-o a perspectiva de alijar sobre a mulher a carga enfadonha dos serviços domesticos.

O aspecto sombrio e torvo de José de Castella infundia invencivel antipathia ás moças do rancho; só não o desdenhava a Joaquina da Portella, uma magrita trigueira, de uma pallidez anemica, testa curta e olhos negros, ramalhudos, que se fitavam no vacuo embaciados e inexpressivos.

Quando elle com o seu riso alvar, que fazia lembrar um arreganho denticular de lobo cerval, desfechava á sua dilecta um madrigal montesinho, trescalando a realismo soez, a Joaquina, lisongeava-se pasciamente, e acolhia o galanteio villão com a facil complacencia do seu character passivo e palpalvo.

A Joaquina da Portella, com os seus grandes olhos esgazeados em perpetuo espanto, revelava na physionomia nma bonhomia simploria que quasi tocava o ponto onde começa o idiotismo.

Uma vez o rancho recolhia alegre por um caminho tortuoso á pousada de dormida; os descantes das raparigas ti-

Á espera de uma carta, *Positivo*, *Fructa do tempo*, *O caminho mais comprido*, etc.

N'essa epoca, a camaradagem artistica, o estimulo e o exemplo de José Carlos dos Santos exerceram uma influencia decisiva em Eduardo Brazão. O talento do brilhante actor, opulento de seiva, rico de uma audaciosa força, que é o seu principal distinctivo, na escolha, mas incerto ainda na sua orientação, hesitante dos processos, ergueu-se de subito, abazado pelo sopro genial do mestre e affirmou-se definitivamente nas peças:

Fernanda, *Duas noivas de Boijoly*, *O bastardo*, *Magdalena*, *Tartufo*, *Solteirões*, *Cadete Roussel*, *Sabichões*, *Rabagas*, *Pedro Ruivo*, *Córa*, *Louco d'Evora*, *O Abysmo*, *Claudia*, *As Sabichonas*, *Fr. Luiz de Souza*, *Nobres e plebeus*, *Drama do Povo*, *Redempção*, *Mr. Alphonse*, *Maria Antonieta*, *Cruz de Magdalena*, *Elogio mutuo*, *Paralytico*, *Gusmão o bom*, *Idiota*, *Mulheres de marmore*, *Homens e Feras*, *Fura vidas*, *Acrobata*, *Janto com minha mãe*, *Gostos não se discutem*, *Anno em 15 minutos*, *Cabo do 5*, *Guerra aos Nomes*, *Convindo o Coronel*, *O outro fim*, *Palavras, palavras, palavras*, *Ao anoitecer*, *Força de consciencia*.

Findando o contracto firmado com a empreza Santos & C.^a, em relação ao theatro de D. Maria, Brazão regressou ao Gymnasio. Aguardavam-o ahi as ruidosas palmas da ovação, as roseas grinaldas do triumpho, que lhe deveria fornecer o protagonista dos *Engeitados* de Antonio Ennes, uma das mais completas e primorosas creações do insigne actor.

Pouco depois, associando-se a Joaquim de Almeida, Eduardo Brazão seguiu de novo para o Brazil, representando no Rio e em Pernambuco, obtendo sempre o mais amplo successo.

Sollicitado pela empreza Biester, Brazão & C.^a, do theatro de D. Maria, Brazão voltou a Lisboa.

O seu nome, cercado havia muito de uma aura prestigiosa, adquiriu então uma intensa vibração, attraíndo todas as atenções e impondo-se á critica pelo ascendente superior inse-

nam uma vibração estranha, eccoante, na extensão silenciosa e sonora dos campos, e aquellas vozes, jovialmente timbradas de mocidade, não logravam espancar a melancholia, que o crepusculo diffundia sobre as extensões dos oliveaes rebuçados no manto da sua verdura luctuosa; aquellas toadas hilariantes perdiam se na solidão dos campos, como o novello de uma nuvem enfiando-se na profundeza do ar. O grupo, movendo-se de roldão, traçava uma ondulação negra na pureza do ambiente que os derradeiros bruxuleamentos do occaso clareavam; os compridos paus do varejo, apontados ao alto dos hombros masculinos, desenhavam-se nitidos na atmosphera, e o som cavo do buzio do rancho fundia-se na melancholia da paisagem em mais uma nota triste.

As aldeãs que trocam a vida e o trabalho do campo pelo serviço urbano, suspiram saudosas, alvoroçadas de profundos e nostalgicos estremecimentos, sempre que o buzio natal na sua voz meiga lhes recorda os primeiros annos da sua adolescencia.

O rancho proseguia ávante, refractario, impenetravel á influencia melancholisadora do ambiente; a galhofa recrudescia e de subito engalfinhava-se em travessuras endiabradas, enovelava-se, tripudiante, em clamores foliões. José de Castella, n'um impeto brutal de garraio em liberdade, arremetteu sobre a Joaquina da Portella, e ella fragil, desprevenida, rolou para um barranco.

Levantou-se contusa, irrompeu em pranto, e emquanto o rancho seguia, sempre na sua estouvance desenfreada, carpia-se dorida:

— Deixa estar que hei-de fazer queixa a meu pae, eu lhe direi. Isto são modos?... Não sabia que eras tão man.

O José da Castella, ajudando-a a erguer-se, consolava-a:

— Então aleigei-te?... Não foi por mal, tu bem sabes que não foi por mal.

paravel do verdadeiro talento. Os peregrinos dotes do artista, o seu temperamento fadado para os arrojados tentamens, a sede de *subir mais alto*, como dizia Goethe, a necessidade de assimilar os excepcionais caracteres e de reproduzir as figuras cavalheiras, esculpidas no grande estylo romantico, soltando á viração a pluma ondeante dos namorados paladinos e empunhando a espada heroica do combate ou o gladio vingador da virtude ultrajada, que constituem o ideal do eminente actor, encontraram finalmente por onde desenvolverem os seus amplos recursos,

Eduardo Brazão fez com extraordinario exito a *Familia Danicheff*, *Casamentos bastardos*, *Segredo de miss Aurora*, *Morgadinha dos Canaviaes*, *Mantilha de renda*, *Hernani*, *Kean*, *tm heroe do Chiado*, *Vida infernal*, *A morta viva*, *D. Leonor de Bragança*, *O dote de Margarida*, *Familia americana*, *Varina*, *O bobo*, *Almas de ouro*, *Rosalino*, *Moços e velhos*, *Morgadinha de Val-flor*, *Loucura ou santidade*, *Oração dos naufragos*, *Viagem de uma carta*, *Amigo Fritz*, *Angelo*, *Coq Hardy*, *Duas damas*, *Burguezes de Pontarcy*, *Causas e effeitos*, etc.

Dois annos depois, Brazão, acompanhado de Paladini, partiu para o norte do Brazil, dando ahí uma serie de representações, ruidosamente victoriosas e extraordinariamente concorridas, adquirindo esses espectaculos, em que Brazão appareceu ás plateias brasileiras sob o aspecto novo de um actor completo, na posse plena de todos os segredos da arte, dominando-a subjugada nas suas mãos e arrancando ao alabastro, como o estatuário, as olympicas e esculpturaes figuras, palpitantes do sentimento ideal, insuflado pela fantasia dos dramaturgos, a importancia de um verdadeiro acontecimento theatral.

Voltando do Brazil, Eduardo Brazão foi occupar o seu posto de honra no theatro de D. Maria, fazendo parte d'essa illustrada sociedade de actores que ha duas epochas está dando no theatro que superintende um raro exemplo de camaradagem leal e de bom gosto artistico.

João de Thommeray, *O drama novo e Dois sargentos*, tres

E em um arrebatamento selvagem comprimia-lhe nos braços o corpo franzino.

Foi n'este idyllio rude que se originou o casamento de José da Castella com a Joaquina da Portella.

D'onde tinha vindo José da Castella? Ninguem o sabia ao certo. Apparecera por estas paragens de pequeno; creara-se pelas charneças como os animaes bravios, assoldando-se para viver, primeiro como guardador de gados, depois como trabalhador no campo.

Ao observar-se-lhe o olhar vago e sombrio, que lhe illuminava sinistramente a physionomia repellente, occorria que aquelle homem era porventura um producto monstruoso, gerado na hora influenciadora em que se perpetrou alguma obra criminosa e proterva.

Era avaro até á sordidez, e habituado á continua convivencia com a natureza livre e bravia pollulavam-lhe no temperamento indomitos impulsos de independencia de qualquer lei social.

Sujeitou-se a privações para attingir o magro capital com que construiu o tugurio miseravel em que se abrigava, independente e sobranceiro como um senhor feudal que se enthronisa no seu castello. Antes d'isso andava magro, com os olhos fundos nas orbitas escaveiradas, a guedilha intonsa e arripiada como um cão vadio e faminto, alvoroçado de gritos famelicos em todo o seu organismo. Tinha vertigens e zumbidos, um dia succumbiu a uma fraqueza invencivel e cabiu, prostrando-se em somno profundo, quasi a estalar de fome.

Quando acordou comprehendeu finalmente, como n'um clarão que feriu a obscuridade do seu cerebro pouco sensivel, que se arriscava a estourar de fome, e desde então as exigencias machinaes do organismo reassumiram todo o seu imperio.

Mais tarde adquiriu grande pericia na caça, e era a sua occupação predilecta: em quanto a espingarda rendia, não se

joiás, delicadamente cinzeladas, engastam-se no fecho opulento que encerra no momento actual o cyclo brilhante d'esta breve mas gloriosa existencia.

GUOMAR TORREZÃO.

ATRAVEL DO BINOCULO

Transcrevemos do *Diario Illustrado*:

Noites lyricas

Africana

Deuses immortaes!...

Como o Chiado tinha attitudes ferozes e como a Hava-neza tinha phrases sarcasticas ao approximar-se o momento fatal em que da batuta do maestro Kuon deveria cair, resoando lugub'remente, com o som pavoroso de um tumulo que se fecha, a primeira nota da *Africana*!...

Ondas negras de fracks encapelavam-se, desdobrando-se em vagalhões ao longo da plateia...

Cocos subversivos ondulam... bengalas dissidentes agitavam-se, nervosamente sacudidas, como a mastreação de um navio acossado pelo temporal...

Os camarotes, que a despeito da catastrophe, propheticamente annunciada em boatos assustadores, e do supposto retrahimento do dilettantismo, enchiam-se escandalosamente, exhibiam nas suas penumbras cor de purpura bustos pallidos, como as magnolias, onde os diamantes tremeluziam a medo, em pequeninas lagrimas doloridas.

O peitilho branco do sr. Freitas Jacome alvejava espectralmente... A cabelleira preta de Bordallo Pinheiro agitava-se ameaçadora... E do monoculo do sr. Saragga espirravam fagulhas, que se espalhavam incandescentes, provocando a combustão...

apegava a outro trabalho. A principio a sua natureza bronca dispendera grandes sommas de energia para se assenhorear d'esta aptidão; mas depois usava-a sem esforço.

Orgulhava-se d'esta prenda, que lhe dava de si uma opinião superior, e na taberna, por entre a excitação vinolenta, alardeava a certeza dos seus tiros:

—A principio custou, mas agora fregar uma lebre é mais facil do que isto.

E entornava o copo, pondo em relevo atravez da pelle grossa e rubra como o pescoço de um peru, o movimento ascendente e descendente dos gorgomilos, e continuava n'uma vaidade deprimente de outras superioridades:

—Isto agora calhou, e se mettesse a cabeça para outra banda, era a mesma cousa. Até era capaz de me fazer doutor.

E os frequentadores da taberna bramiam em galhofa:

—Doutor!... você doutor, oh! José da Castella, até o demo de rir havia de quebrar a armação.

—Doutor, sim... vocês estão a lér, cuidam que isso é uma cousa por ahí além. Ha muito asno que arrotta leis e não é capaz de metter o chumbo d'esta espingarda n'um boi parado diante do nariz. Aquillo está em começar, metter o arado no rogo...

José da Castella teve só uma filha do seu matrimonio.

Aos dezoito annos a Jozefa era uma rapariga guapa, tri-gueira e ramalhuda nos seus olhos negros como a mãe, mas sem a inexpressiva indecisão que lhe dava á physionomia uns reflexos idiotas. Ampla nas fôrmas correctas, tinha uma robustez sadia, e os seus braços rijos foram a providencia da mãe, vergada a uma canceira de animal de carga na sua lide domestica.

JULIO LOURENÇO PINTO.

(Continua).

O panno subiu, com o fremito melancolico de uma grande aza de morcego que se desdobra.

Pelos leques de gaz, que tomaram de repente a côr livida dos mortos, passou um calefrio.

Ia começar a agonia...

As phrases e as bengalas, manejadas pelos respectivos fracks e cocos, prepararam-se para entrar em fôrma.

As casacas, pela sua parte, em attenção á ceremoniosa etiqueta, de que são fieis representantes, passando graves e solemnes atravez dos casamentos e dos enterros, dos festins palacianos e das ceias orgiacas, das wa-sas de Strauss e dos *fauteuils* de S. Carlos, aguardavam impenetraveis.

Cantou-se o 1.º acto da colossal partitura do Meyerbeer, onde se entrelaçam, como nos porticos Manuelinos, a par dos baixos relevos, de um estylo severo e grandioso, as finas rendas, as filigranas tenuissimas, trabalhadas, aparentemente, pela concepção ideal e etherea de um anjo, e palpitando abraçadas de todas as delirantes e embriagadoras paixões humanas de um coração.

Logo ás primeiras phrases, nitidamente emittidas, por um bello *mezzo* soprano, agradável e insinuante, a sr.ª Gini, incumbida da parte de Ignez, dispoz favoravelmente a platêa. Uma nota aguda e extensa, precipitadamente atacada e veida em parte, prejudicou de certa maneira o effeito da romanza, excellentemente executada, e que se não fôra esse leve senão teria arrancado uma salva de palmas.

Bulterini, (Guido d'Arezzo) uma voz de uma *tessitura* melodiosa e pura, um tenor que em outra epocha e em determinadas condições o publico accetaria encantado, cantou com bravura e sentimento, brilhando especialmente na phrase dirigida a Selika, e a que elle deu uma infinita doçura.

A sr.ª Turolla, incumbida da importantissima parte de Selika, um recife negro e selvagem, como a tez da profogonista, onde tem naufragado um sem numero de larynges, entrando sem *pose* e cantando sem esforço, predispoz agradavelmente o publico para escutal-a e julgal-a nos actos subseqüentes.

Kaschmann, o maior artista da companhia, a celebridade da nossa *saison* lyrica, imprimiu á musica de Nelusko, uma suavidade apaixonada, que foi talvez o principal encanto da sua execução.

Renunciando totalmente aos gestos violentos e *sacadés* e ás attitüdes tigrinas, usadas por Merly, na composição do personagem, Kaschmann deu-nos um barbaro civilisado, um selvagem *gentleman*, tendo nos seus adagios a ternura de um Romeu, e tendo nos seus rugidos, á Othello, o furor ameno de um ciumento moderno.

O baixo David cantou discretamente a parte de D. Pedro.

O côro dos bispos, esse grandioso côro, de uma serenidade magestosa, commovente e intangivel, como a espiral de incenso que se desenrola ao longo das sonoras naves de uma cathedral gothica, recebeu uma execução satisfatoria.

O panno desceu ao resoar festivo das palmas que estalaram na sala, rasgando como pombas brancas a caligem das nuvens e annunciando aos homens a bonança.

Nos camarotes operou-se uma transformação: dissiparam se os terrores; na pallidez desmaiada das faces setineas accendeu-se o rubor da esperança; os labios desbotados abriram por entre as perolas dos dentes, miúdos e brancos, um alegre sorriso de allivio; os diamantes falcaram illuminando as tranças negras, onde desabrocharam plenamente tranquillizadas as camelias, que até áquella hora tinham confrangido, trémulas de medo, as suas petalas, e arrancando clarões fulvos ás cabecinhas loiras, que começaram a erguer-se, altivas e radiosas, já livres da pressão que as entristecera, como doiradas messes banhadas em cheio pelos jorros de luz quente e torrentuosa de um sol de agosto.

Na plateia perguntava-se pela *pavorosa*: procuravam-na debalde nos *fauteuils*, entre as cadeiras da superior, nos corredores, no vestibulo, nas torrinhas, no paraizo.

De nariz para o ar, alguns *dilettanti* interrogavam o lus-

tre; outros, curvos, arrastando as mãos pelo chão, sondavam-n'o, parecendo-lhes inverosimil que não corresse o sangue, o sangue effervescente das revoluções, annunciado pela tuba épica da voz publica aos eccos espavoridos.

A catastrophe eminente, derretendo-se como uma bola de neve, ao calor das palmas, principiou a ser um bello assumpto, fertil de trocadilhos chistosos.

Entre outros, que ouvi da minha friza, lembrou alguém que provavelmente a metamorphose, verdadeiramente prodigiosa, operara-se em virtude de uma *mascotte* que Francisco Palha emprestara, por algumas horas, ao sr. Freitas Britto.

A *Africana* triumphou, cabendo as honras da noite ao barytono Kaschmann, que deu um bello relevo, de uma ironia estranha e rude, á formosa ballada do 3.º acto, executando em geral com superior talento a grande musica de Meyerbeer e obtendo tres ou quatro chamadas, entre ruidosos e prolongados applausos.

A sr.ª Turolla, um astro que despontou ha pouco, deixando antever um luminoso dia, collocada em face de confrontos perigosissimos, venceu todavia em parte, deixando-nos uma boa impressão do seu excellent methodo vocal, brilhando na romanza do 2.º acto, vulgarmente denominada a *aria da mosca*, e phraseando por vezes admiravelmente, como no 4.º acto, no duetto, «*tu, mio sposo, ó jubilo!*»

Bulterini manteve os seus bons credits, embora a musica de Meyerbeer não seja das mais favoraveis á sua voz levemente resistente, carecendo, não raro, da flexibilidade maleavel que substitue muitas vezes, pelo menos aparentemente, a opulencia melodica e a extensão na emissão das notas.

A sr.ª Gini sustentou-se á altura do primeiro acto. Os côros das mulheres, hesitantes e indisciplinados, particularmente no terceiro acto, equilibraram-se na somma equitativa dos prós e contras pela excellent afinação das massas coraes masculinas.

Em resumo, a *Africana*, previamente votada pela febre lesa-musical ao baratro do tacão indigena, se não teve um successo ruidoso, um d'esses successos onde vibraram sonoramente acclamados os nomes da Rey Bala, Borghi-Mamo, Merly, Naudin e outros, obteve comtudo um exito lisongeiro, que deve rejubilar e empreza e evocar plenamente á vida das harmoniosas noites lyricas essas almas penadas, que divagam entre os vivos, simulando uma falsa existencia convencional, e que, como espirituosamente afirmou ha dias *Iriel*, só encarnam na fôrma humana quando S. Carlos franqueia os seus vestibulos inundados de luz.

GABRIEL CLAUDIO.

PERFIS LYRICOS

O pianista Gottschalk

O grande pianista e inspirado compositor, que em vida era conhecido pelo nome de Luiz Moreau Gottschalk, não se torna recommendavel á admiração dos seus contemporaneos sómente pelo talento musical; havia n'elle outras eminentes qualidades e notaveis predicamentos de espirito, que o faziam destacar da classe das vulgaridades.

Assim L. M. Gottschalk, além de fallar correctamente varias linguas, como o francez, hespanhol, allemão, italiano e inglez, sua lingua natal, era tambem apurado estylista quando escrevia: fluente, imaginoso, poeta e eloquente, quando orava.

Tivemos occasião, na sua aliás rapida passagem pelo Rio de Janeiro e S. Paulo, de apreciar aquelles dotes ouvindo-o discursar, e lendo varios escriptos seus, uns já publicados e outros, que elle elaborava durante a sua estada no Brazil, para mandal-os aos jornaes da America do Norte, dos quaes era estimado correspondente.

Por mais de uma vez ouvimos-lhe a palavra facil e auctorisada, quando discutia qualquer assumpto.

Gottschalk era homem illustrado; tinha sabido conciliar na sua vida afanosa o labor, ao mesmo tempo arduo e suave, do estudo da musica e do piano com a leitura demorada, severa e reflectida dos livros d'arte e sciencias, com que pôde preparar-se para as luctas litterarias e philosophicas, em cuja arena conquistou os fôros de homem illustrado.

O que era L. M. Gottschalk ao piano, sabem-n'o todos quantos tiveram a ventura de ouvi-lo; e adivinham-n'o os que apenas podem avaliar do seu merito pelas composições que deixou esse eminente artista.

Os que concorreram ao antigo Theatro Lyrico Provisorio onde Gottschalk deu os seus magnificos concertos realisando prodigios de actividade e manifestando uma força de vontade capaz unicamente de rivalisar com a força do seu intellecto; os que com elle se encontraram nos salões da nossa aristocracia, onde o eximio pianista de boa mente se fazia ouvir, e ainda mais, se é possível, os que lograram gosar da intimidade d'elle, esses poderão prestar valioso testemunho relatando a sua admiração e o seu espanto, quando assistiam á verdadeira transformação do piano, instrumento ingrato, sobre a pressão dos dedos, sob o impulso dado aos pedaes, e finalmente sob o indeclinavel imperio do superior talento artistico de Gottschalk.

Symphatico de physionomia, de voz insinuante e agradável, extremamente delicado no trato e de educação esmerada sob todos os pontos de vista Gottschalk onde quer que fosse admittido, fazia admiradores e conquistava amigos.

Sentado ao piano, cujo teclado percorria com o mais correcto dedilhado, as suas harmonias, revestidas de um caracter completamente novo e individual, succediam-se com a maior naturalidade, e n'essa successão,—como se luzisse a través de um véo transparente um brando raio de sol,—percebia-se a phrase singela de um canto melodioso e unido do mais poetico sentimento e da mais expansiva espontaneidade.

Ocasões havia em que o piano parecia mais uma harpa eólia por cujas cordas resvalava o vento a suspirar, tal era a doçura das harmonias: murmurejavam, graças á delicadeza do dedilhar e á intelligente combinação dos dois pedaes do ingrato instrumento.

O piano tinha então uma alma,—era a de Gottschalk—, que o animava, confundindo-se com elle.

Não havia coração cujas cordas não vibrassem, ao escutal-o, nem preito que deixasse de ser lhe rendido pelo espirito ainda o menos culto, para o qual o sublime artista sabia usar da sua mystica e convincente linguagem.

Gottschalk era um genio!

Deixando ás vezes o piano, dirigia-se a sua prodigiosa actividade para outros empreendimentos de mais gigantescas proporções: a musica executada a grande orchestra, ou os *concertos monstros*, como lhe chamavam os *dilettanti* d'aquelle tempo e ainda os de hoje.

Estão na memoria de todos as colossaes festas artisticas realisadas no então *Theatro Provisorio*.

Gottschalk organisára uma orchestra composta de 650 executantes.

O que foi esse *festival*, como lhe denominou Gottschalk; o aspecto do palco, tocando as raias do phantastico, ao levantar do panno, e de que valor foram as glorias alcançadas pelo corajoso artista n'essa noite, relataríamos aqui, se por ventura nos sobrasse o espaço para tanto e não o tivéssemos feito em uma pequena brochura, que pretendemos dar á publicidade opportunamente.

Quanto levámos dito sabiu-nos da penna, máu grado nosso; e agora fazemos esforço para nos limitarmos simplesmente ao ponto de que desejamos exclusivamente tratar.

Vamos, pois, ao traço que faz assumpto d'esta breve noticia.

Quando Gottschalk se dispunha a dar o primeiro concerto no Rio de Janeiro, incluiu no programma a sua famosa *Tarantella*, tocada ao piano com acompanhamento de orchestra.

No dia do ensaio, quando, reunida a orchestra, se dispunha Gottschalk a começar a primeira prova, houve uma peque-

na altercação entre o eminente artista e um dos professores que deviam acompanhal-o.

O resultando da altercação, em que Gottschalk demonstrara sem reboço fundo desagrado ao seu interlocutor, foi este retirar-se, decidido a renunciar á honra de prestar o seu auxilio.

Era caso grave, porque se tratava de um instrumento indispensavel, e cuja falta era impossivel remediar, pois que não havia elementos para a desejada substituição.

Gottschalk não recuou perante esse obstaculo.

Era homem de espirito forte e de grande energia moral.

A orchestra dispersou-se; e os prof-ssores, uns sentados nas cadeiras da platea, outros nos seus lugares e outros finalmente nos corredores do theatro, formavam grupos e commentavam o facto, demonstrando alguns d'elles animosidade contra o pianista, cuja independencia de caracter não podia deixar de inspirar certo desagrado.

Gottschalk, nervoso, irritado e profundamente aborrecido com aquelle incidente, declarou ao secretario que dispensava a orchestra e mandou-lhe redigir o programma n'esse sentido, disposto a prescindir de alheio auxilio para a sua festa artistica.

Isto dizendo, sentou-se ao piano com as mais vivas mostras de contrariedade e começou a tocar doidamente, sem nexo e sem intenção, ora uns accordes soltos, ora uns preludios, ora, finalmente, uma melodia rapida, sendo que, de vez em quando, *chicoteava* com os dedos o teclado, vingando-se assim do contratempo succedido e dando expansão ao seu genio irascivel.

O instrumento para o verdadeiro artista, não é simplesmente um *ganha pão*, ou um meio de diversão para o espirito; elle representa alguma coisa mais, é o amigo intimo, o confidente predilecto, o companheiro inseparavel, depositario dos mais reconditos segredos do coração, traductor das lagrimas e das alegrias, o *deus ex-machina*, emfim, o sublime *mediador plastico*, por cuja interferencia o musico põe-se em contacto com o mundo visivel e com a região dos sonhos e das fantasias.

Gottschalk esquecera-se já de todo o occorrido; dissipara-se para elle a nuvem que viera toldar-lhe a alegria da sua festa; abandonou-se pois, aos doces colloquios com o seu predilecto instrumento, transfundindo-lhe a propria alma, e com elle combinando os meios de banir da lembrança a idéa da vida e seus precalços, e talvez o meio de annullar, para todo o sempre, a efficacia de qualquer auxilio estranho ás grandes festas musicas, que ambos, elle e o piano, poderiam juntos organizar e realizar.

Era sublime a transformação e solemne o caracter d'aquelle pacto ultra ideal!

Tambem os musicos, nos seus diversos grupos e nos seus esconderijos, sentiram-se abalados. Este ergueu-se admirado, aquelle veio espiar á porta da entrada; aquelle outro aproximou-se do palco, trazendo após si, como por força de fluido magnetico, os companheiros, e dentro em pouco os grupos destacados formavam uma nuvem escura e compacta junto do proscenio, e escutavam attentamente as melodias e os accordes do grande artista.

Gottschalk, sem dar pelo que succedia, continuava seu rumo e sem norte no seu fantasiar doidejante, cada vez mais augmentava, pelo poderio do talento e inspiração, a força da sua attracção.

Dir-se-hia que não era elle, mas um propheta quem se sentava ao piano; e que este, longe de ser um instrumento vulgar, era ao contrario uma lyra de archanjos, tangida por genios celestes, e espalhando pelos corações e pelas almas as ondas fluidicas de um magnetismo extraordinariamente impetuoso, graças a cujo imperio tudo se sentiu subjugado, atraído, preso e arrastado.

O piano adquirira n'aquelle instante o mesmo poder invencivel da *flauta magica* ou da lyra fantastica de Orpheo.

Dentro em pouco, um dos professores da orchestra galgou disfarçadamente a rampa; após elle subiu outro... e mais

outro... ainda outro... e finalmente todo o corpo de orchestra; e os artistas, agrupados em torno ao piano, prestavam culto ao talento do *virtuose*, espantados da sua *maneira* de executar e das esplendidas novidades que lhes fazia entrever!

Quando Gottschalk feriu o accorde final, uma salva de palmas estrondeou no vasto e vasto salão do *Provisorio*, e os professores da orchestra, inclusivê o que se havia recusado a acompanhá-lo, declaram, *una voce*, que estavam dispostos a quanto d'elles exigisse o inspirado pianista americano.

Gottschalk, sem todavia mostrar-se surprehendido ou mesmo penhorado por aquella demonstração de respeito que lhe consagravam os seus collegas, levantou-se immediatamente, dizendo:

— Ah! estão dispostos a auxiliar-me! Então toca a fazer o ensaio.

E o ensaio começou e correu como nunca, tal era a satisfação de todos os artistas que compunham a orchestra

O que é a superioridade do talento!

A. CARDOSO DE MENESES.

Theatro da Rua dos Condes

A TABERNA (L'ASSOMOIR), drama em 5 actos e 8 quadros, traduzido por José Carlos dos Santos.

Se eu quizesse discutir Zola, o forte e audaz demolidor, — espingardeado por quasi toda a linha de atiradores da imprensa franceza, não poderia de certo escolher melhor oportunidade do que a que me fornece o *Assomoir*, actualmente em scena no theatro da Rua dos Condes.

Não o faço, porém, por dois logicos motivos.

Primeiro, porque convencido de que a minha obscura critica não augmenta nem diminue a gloria do romancista da *Curée*, e considerando-a, pelo menos em relação ao meu ponto de vista actual, deslocada e inutil, o melhor que me resta a fazer é supprimil-a.

Segundo, e principal, porque desejo, sem tergiversar, ir direito ao meu assumpto.

Além d'isso, que lhes poderia eu dizer do *Assomoir*, (romance) que os senhores ignorem, especialmente se os meus caros leram o *Père Goriot*, *Cezar Birotteau*, emfim a *Comedia humana*, de Balzac?

O que existirá, em verdade, de absolutamente novo e muito extraordinario em Zola aos olhos de quem conhece intimamente Balzac?

Haverá por ventura na *Nana*, a impudente epopeia da carne, uma unica pagina, de um naturalismo profundamente sentido, vibrante de todas as ardentes sensibilidades, convulsionado pela nevrose de todas as dores humanas, como a carta de Esther dos *Splendeurs et misères des courtisanes*?

E n'essas miniaturas lyricas, coloridas pela febril exaltação da mocidade, de que Zola precedeu os seus grandes quadros realistas, como Luiza Miguel cantou Deus antes de cantar o diabo, conhecem alguma que se compare ao *Lys dans la vallée* de Balzac?

Entretanto, Zola passa por ser o chefe da escola nova, o generalissimo das hostes modernas, o oraculo dos litteratos de vinte annos, que adjectivam, como Rubens pintava, com exuberancia de côres vivas e allucinantes, que provocam ophthalmias.

Mas se absolutamente insistirem, srs. emires da letra redonda, em proclamar o auctor do *Assomoir* o Allah da sua geração, digo da sua Turquia, não de concordar que Balzac foi o Mahomet...

E então, não estou eu discutindo, fóra do meu itinerario, exactamente como se se tratasse de marchar ao som do *rata plam* rufado pelo sr. Sarcey, pelo sr. Wolffsou pelo sr. Vitu!...

Fujamos, em quanto é tempo.

O drama *A taberna*, representado pela companhia da Rua dos Condes, extrahido por Busnach e Gastineau do *Assomoir* de Zola, tem, como o romance do grande analysta, os largos traços vigorosos e os pequenos detalhes banaes da chronica das ruas. Sente-se ali palpitar a alma do povo, exagerado embora, por vezes, nos seus hediondos vícios, nas suas baixas paixões, nas suas degradações ignobeis, — sendo essa a grande qualidade e o principal defeito de Zola, ampliar o lado vil das coisas, mas amplial-o com um tal poder de execução que elle fica impresso no espirito do leitor, com o relevo de uma gravura a agua forte.

A dolorosa historia do proletariado desenrola-se por aquellos actos fóra, sem que d'ella resulte uma idéa vivamente definida ou uma lição perfeitamente accentuada.

Quasi todos aquellos personagens são maus ou pusilanimos, os que bebem e os que não bebem. Gervasia mesmo, que, á primeira vista, parece uma honesta e santa creatura, victima da tyrannia odiosa do mais forte, uma doce natureza excepcional que desabrochou como um branco lyrio no fundo de um pantano, contradiz-se, desmanda-se, e no 3.º ou 4.º acto, accetando quasi, depois de casada com Capeau, a cõrte assucarada de Gouget, apaga a impressão que nos dera nos primeiros actos.

Lantier é um cynico ou um desgraçado?

Poison é um idiota ou um homem digno?

Gouget ama ou não ama Gervasia?

Eis as duvidas que nos suggerem os personagens do *Assomoir*, e que em geral desperta toda a obra de Zola.

O grande psychologo da *Thereza Raquin* acorda-nos violentamente uma idéa, mas o que elle raras vezes nos dá é uma solução. Diante do seu trabalho, arido e desflorado como as campinas napolitanas, devastadas pela lava, a nossa alma permanece enregelada e absorta...

O *arreglo* de Busnach e Gastineau, asperamente accusado pela critica franceza, parece-me entretanto o unico susceptivel de tornar representaveis, no ponto de vista do interesse scenico, os capitulos do romance.

A traducção está admiravelmente bem feita e honra por todas as maneiras o talento do eminente actor Santos.

Na *mise-en-scène* escrupulosissima, na afinação geral, na disposição das figuras, nota-se tambem a superior competencia de José Carlos dos Santos.

O quadro da lavanderia é primoroso, naturalmente movimentado e excellentemente representado por Amelia Vieira e Amelia Vianna. São tambem dignos de menção especial o quadro do andaime e o da taberna.

Amelia Vieira poz a sua alma na alma do personagem e deu-nos a Gervasia concebida por Zola, a filha do povo, a besta de carga de todas as rudes provações que começam na agua furtada, visinha das nuvens, entre um alegre pintasilgo e dois vasos de cravos escarlates, e acabam no catre do hospital, entre o estertor dos cadaveres reclamados pela tumba.

A violenta dôr, o infinito desespero, a immensa alegria, a despedaçora angustia e o derradeiro sonho de amor tudo vibrou, com uma nitidez assombrosa e uma verdade que vem direita ao coração, na voz da eximia actriz.

Nos dois ultimos quadros o seu trabalho, que não desmente um segundo a indole popular do personagem é por vezes sublime.

Carlos Posser tem no papel de Copeau o seu mais completo triumpho. A scena da embriaguez, se não é uma obra prima, é todavia mais do que sufficiente para fazer a reputação de um actor.

Amelia Vianna comprehendeu intelligentemente o repulso character de Virginia e interpretou-o com muita habilidade.

Mathias de Almeida, incumbido do papel de Lantier, teve algumas inflexões ironicas, perfeitamente accentuadas.

Pinheiro exaggerou a rouquidão alcoolica e o actor incumbido do Poison aggravou a monotonia do personagem. Salazar fez o que poude do Gouget, que pouco tem que fazer, e o mesmo succede em relação a Faria, o gato pingado, desmancha prazeres.

Os dois papeis, da porteira e da Nana, foram discretamente representados.

Em conclusão, a *Taberna* chama gente ao theatro, alcança todas as noites grandes e ruidosos applausos e promete conservar-se em scena por longo tempo.

Gloria a Allah Zola nas alturas, e paz na terra aos homens!

GABRIEL GLAUDIO.

CARTEIRA DE UM FARCISTA

Um valente militar
Derrota um dia ao jantar
Taes e tantas comezanas,
Que por fim só era himpar.

Diz-lhe, afflicta, uma das manas:
—Metta dois dedos na bocca,
Promova as ancias, a ver!
—Dois dedos na bocca... louca?!
Se eu os pudesse metter,
Mettia duas bananas!

JOÃO DE DEUS

SOIRÉES EM MADRID

O circulo compacto que rodeia aquelle centro de luz e de harmonias, ouve com toda a attenção os maviosos discursos de Brahams, Mendelssohn e Bizet, e parece comprehender este genero de oratoria, pouco ou nada conhecida entre nós. Lamartine disse uma vez: «A musica é a litteratura do coração; começa onde a palavra termina.» Effectivamente, a arte puramente ideal dos sons, é o espelho em que se reflectem todos os sentimentos com uma verdade, uma pureza de contornos e um colorido tão variado que nunca a palavra pôde alcançar. É um idioma universal, familiar a todos os povos e a todas as raças. Desde remotos tempos até aos nossos dias, as civilisações que se teem succedido estudaram a sua grammatica com amor.

É necessario a marcha forçada de alguns minutos por entre milhares de pessoas e uma maneira de rogar digna de Thalberg, para obter uma cadeira que um cavalheiro finge guardar e que cede com um sorriso amabilissimo, que em linguagem caseira quer dizer: «impertinente!» Para encontrar um logar conveniente proximo a um grupo sympatico, (señoritas) é impossivel evitar que alguns olhos negros se distraiam e que mais d'um *rêverie* se interrompa.

Se a viagem é custosa, o resultado não pode ser mais satisfatorio, quando dirigida sabiamente por um capitão experimentado e já habituado aos rigores do Polo do Norte.

Com o firme proposito de ouvir musica, promettemos ao leitor que havemos de resistir valorosamente a qualquer seducção estranha ao pudico sentimento da esthetica. Gostamos immenso dos jardins, mas nunca o nosso decidido amor pelo bello consentiu que roubassemos uma flôr á sua haste. Deixemos pois que maiores profanos as ataquem e que matem o seu tempo raptando e murchando as lindas rozas. Apenas para nos orientar, olhamos a flora tropical que nos rodeia, e reconhecemos que ha mais d'um especimen que faria empallidecer a Morena de Guerra Junqueira.

Musica, mulheres e frescura é uma trindade formosissima, cujo mysterio só no *Buen Retiro* pode ter um altar digno da sua omnipotencia invisivel.

*
*

As ultimas notas do *Lago das Fadas* de Auber se lá foram perder por entre a folhagem das acacias, *companheiros inseparaveis* do coreto rustico.

Deram principio ao Andante da 5.^a symphonia de Beetho

ven, o surdo mais sublime e que nasceu *intra-muro* da pacifica, illustrada e muito honrada cidade de Bonn Foi o maior genio symphonico que a patria allemã tem produzido; é o Miguel Angelo da musica.

As suas symphonias são como as excursões Alpinas. Quando subimos a uma d'essas montanhas, o horizonte vae augmentando á medida que ascendemos, e o ar que respiramos é mais puro, quanto mais nos afastamos da terra. Chegados ao cume, a altura vertiginosa, a immensidade de horizonte, a grandeza sublime do panorama apoderam-se do nosso espirito e arrebatam n'ó para um mundo superior ao nosso.

(Segue).

MANLIUS.

ALBUM ENIGMATICO

LOGOGRIPHO

Ao Ex.^{mo} sr. F. Soares Victor, auctor do logogrifho VII do *Almanach Litterario Charadistico* para 1882.

Premio:—O livro de Zaborowski,—*Les migrations des animaux et le Pigeon Voyageur*.

Offerta da auctora a quem primeiro lhe enviar a decifração.

Minha velha descendencia—5—9—6—7—10—4—16
Vs nações faz respeitar!—12—7—5—2—3—15—4—8—13
Sendo rasgos de eloquencia—10—11—10—9—6—16
Habitei sempre o meu lar—3—16—10—2—5—7—8—16
Escravo de negra côr—11—14—8—11—16
Infano pode imperar—4—12—16—6
Sendo nescio e impostor—12—2—8—11—16—10—6—13
Para esta, que é muito igual—6—2—10—15—4
Escolho uma vestidura—10—16—15—7
Rica e alva de crystal—1—11—7—12—4—14—15—11—14—7
Esta agora guarneecendo—4—8—16—6—14—7
Sobre-exalta a pretendo!—9—14—5—6—4—14—8—2—10—13—6

Senhor Victor, acha offensa
que esta ingrata recompensa,
eu dê ao seu *proletario*? (*)
Mas perdoe-me a ousadia,
pois ella exprime o contrario,
do que eu dizer-lhe queria.

Leiria.

ELIZA CURADO.

(*) *Proletario* é a significação que o sr. Soares Victor deu ao logogrifho que acima se lê, publicado agora com sentido diverso.

Explicação do logogrifho publicado no numero anterior:—CABEÇA

O premio foi entregue ao exm.^{mo} sr. Julio Arthur da Silva Gomes, primeira pessoa que nos enviou a decifração.

Publicar-se hão as charas das que forem remetidas ao sr. Matheus Peres, Cuba.

EXPEDIENTE

Aos nossos assignantes das provincias, que se achem em debito, pedimos o favor de satisfazerem a importancia das suas assignaturas. Esperamos que nos será relevada a demora d'este numero, devida a mudança de typographia.

DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ

POR

FRANCISCO DE ALMEIDA

Illustrado com os retratos dos principaes homens de Portugal e Brazil e de grande numero de notabilidades europeas

Gravuras de monumentos, obras de arte nacionaes e todas as illustrações indispensaveis para esclarecimento do texto

Desenhos e gravuras dos melhores artistas

Um dictionario encyclopedico, destinado a satisfazer todas as inexgotaveis exigencias de um povo que pretende instruir-se, delineado por um vasto plano colossal e tendo de occupar-se na sua larga esphera elucidativa de todos os complexos ramos do saber humano, nas sciencias, nas letras, nas artes, tomando por ponto de partida as origens ethnicas, e acompanhando-os na sua evoluçao biologica até ao mais adiantado marco da historia, desde os mais arduos até aos mais simples problemas scientificos, um dictionario d'esta ordem tem sido a maxima preocupação de todas as nações cultas.

A França, a Inglaterra, a Allemanha, a Italia, e a Hespanha, teem os seus importantes Dictionarios-encyclopedicos; faltava, porém, a Portugal um dictionario, susceptivel de satisfazer todas as ardentes curiosidades de saber que cada vez mais se accentuam em nossos dias, e que illuminasse ao mesmo tempo a penumbra prehistorica onde existem amalgamados os fosseis dos dialectos e das raças extinctas, que o estudioso debalde procura tantas vezes, e cuja incerta procedencia e deficiente investigação constituem o desespero do erudito.

Esta lacuna insubstituivel, a necessidade de consultar um Dictionario para cada uma das especialidades technicas que o leitor desejasse tirar a limpo, obrigando-o a munir-se de duzias de Dictionarios, suggeriu-nos o plano colossal de dotarmos o nosso paiz de uma obra construida sobre bases solidas, destinada, por sua natureza, a subsistir de futuro como um monumento na lingua de Luiz de Camões. Similhante tentativa, porém, especialmente em relação a uma população pouco numerosa e relativamente atrasada, demandava grandes sacrificios pecuniarios.

Nem por isso desistimos. Animados de uma força de vontade inabalavel, abalançamo-nos a dar á publico o

DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ

tendo a consciencia que elle ha de ser o mais completo, o mais variado e o mais encyclopedico de todos os dictionarios que existem em Portugal.

Todas as litteraturas e todos os idiomas incluindo o indiano, hebraico, latino, grego e o tupy, guarany, concani, angolense, etc., serão n'este dictionario devidamente explanados, correspondendo elle assim á sua elevada missão concreta e positiva.

O *Dictionario Universal Portuguez*, paopriedade da antiga Livraria Zeferino, de Lisboa, e por ella editado, sabe quinquenalmente em fasciculos de 48 paginas de texto, ou 3 folhas de 16 paginas em 4.º maximo, com 144 columnas de excellento typo, nitidamente impresso em magnifico papel, expressamente fabricado para o nosso Dictionario.

Cada fasciculo custa em Portugal 400 réis, no Brazil 1\$200 réis fracos. Paga á entrega.

Assigna-se para o *Dictionario Universal* nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra. Toda a correspondencia deve ser dirigida ao proprietario-editor, Henrique Zeferino, antiga Livraria Zeferino, 87, rua dos Fanqueiros, Lisboa, onde se aceitam quaesquer reclamações e se distribuem prospectos da obra.

São correspondentes da Empreza no Rio de Janeiro os srs. Sousa Teixeira e Moraes Calabre, rua dos Ourives, 95.

Ao presente estão publicados 25 fasciculos ou cerca de 1200 paginas, ficando muito breve concluido o 1.º volume, que comprehende toda a letra A.

Bicos e valiosos artigos para presentes, tudo que apparece em bom, proprio para offerecer á mais aristocratica dama ou ao mais distincto cavalheiro. De Paris, Russia e Philadelphia recebem-se os primeiros modelos.

O **Centro** aceita objectos bons para expôr á venda; a casa é a mais concorrida da capital, por isso tudo encontra collocação por soffríveis preços.

CENTRO COMMERCIAL

LUVA AROMATISADA

Da secção de luvaria do **Centro** enviam para qualquer destino, a troco de estampilhas, a luva da moda.

Preço: tendo quatro botões as para senhoras e dois as para cavalheiros, são 500 réis !!!

Sendo maior quantidade teem abatin ento os preços da bella luva aromatisada, assim como as de fino Suede e Escossia, praias e caupo.

P. J. A. Cambournac

OFFICINA DE TINTURARIA A VAPOR

14, LARGO DA ANNUNCIADA, 16

420, Rua de S. Bento, 420

LISBOA